

África: memórias de ontem, fantasmas de amanhã

É uma explosão, uma invasão e uma multidão. Portanto, o leitor não deve ficar surpreendido com a desordem que, por vezes, aparece na apresentação de algumas dezenas de publicações recenseadas em seguida: história, ciência política, viagens, testemunhos, lembranças, propaganda, ficção, tráfico de armas, ecologia, etc. Tudo isto anda aos encontrões, mas deveria constituir a carne e o sangue de uma biblioteca dedicada aos últimos impérios de Portugal (e, de seguida, da Espanha) e aos Estados que lhes estão ligados.

A cada senhor, a sua honra: a revista *Camões*¹, no seu n.º 6, tem como subtítulo *Pontes Lusófonas II* e contém mais de vinte artigos onde a África é representada com eclectismo, sendo o ponto dominante sobretudo a literatura, mas não só, pois também lá encontramos uma «Viagem a Mueda» e um artigo muito útil sobre o cinema luso-moçambicano, com uma valiosa filmografia, em que ficamos a saber que desde 1911 existia um documentário francês sobre Metengula (lago Niassa), que foi filmado a propósito da travessia transcontinental do alemão Paul Graetz. Nem que seja por este trabalho, a revista merece ser conhecida dos africanistas. É muito rica em ilustrações e contém resumos em inglês, francês e até em espanhol (o que é muito generoso por parte da redacção).

É escusado procurar revelações ou trabalhos de ponta nas actas² de uma reunião já antiga que teve lugar na Câmara dos Deputados brasileira. Simplesmente, é de registar a progressão das preocupações africanas na Comissão das Relações Externas. Discursos, debates amáveis, é o habitual fausto dos diplomatas e dos parlamentares nas suas actividades públicas.

¹ *Camões*. Revista de Letras e Culturas Lusófonas, n.º 6, *Pontes Lusófonas II*, Lisboa, Instituto Camões, 1999, 160 páginas, fotos a cores e a preto e branco.

² *Simpósio Relações Brasil-África: Uma Nova Perspectiva*, Brasília, Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação, 1986, 157 páginas.

Entramos nos assuntos mais escaldantes quando lemos *Déraison, esclavage et droit*³, actas de um seminário da UNESCO que se realizou em Lisboa em 1998. Trata-se de desmontar, em primeiro lugar, a argumentação jurídica e ideológica e, numa segunda parte, de nos dar alguns exemplos das práticas escravagistas. Dois deles referem-se a Angola (até 1805), um a Moçambique e um último, muito original, ao projecto espanhol de transferência para África dos libertos cubanos. Progressivamente, os historiadores concordam em terem uma visão mais concreta dos problemas. Há que realçar que alguns autores traduzidos e os seus editores deveriam ter corrigido algumas gralhas (Macanaga, em vez de Macanga, etc.), mas o seu conjunto é de um nível superior a algumas produções anteriores. Útil, portanto.

Depois, temos de ultrapassar uma certa desconfiança em relação a livros de contribuições múltiplas, onde muitas vezes os autores se repetem de um título para outro quando se trata de analisar a actualidade. Em *International Diplomacy and Colonial Retreat*⁴ temos o prazer de encontrar um artigo original, «Britain and Portuguese Africa, 1961-65», que é um trabalho de um historiador sério que explora documentos de arquivo. Mostra-nos o embaraço dos governos de Macmillan, Home e Wilson, «poupando a cabra e a couve», perante a intransigência de Salazar, e a suas próprias preocupações relativamente à Rodésia. É uma história das relações internacionais que tem em conta também as exigências contraditórias dos diferentes ministérios britânicos. Por si só, este artigo justifica a aquisição deste livro, que, por outro lado, comporta outras contribuições importantes para conhecer o fim dos impérios coloniais.

Avancemos agora para o lúdico (nem por isso se olharmos por trás da fachada pitoresca do romance) e para o binómio Cabo Verde-Guiné-Bissau. *Les rocambolesques aventures de Jules et Aurélie*⁵ mexem numa ferida bem conhecida dos especialistas das missões da ONU e dos cooperantes franceses nos países em vias de desenvolvimento: os investimentos sumptuários e inúteis que só servem para adular a extravagância de alguns políticos locais ou, pior ainda, de burocratas da ONU ou parisienses distantes das realidades. África é o paraíso dos elefantes-brancos, dispendiosos e condenados ao rápido abandono. O autor, engenheiro do génio civil, foi encarregado, em

³ Isabel Castro Henriques e Louis Sala-Molins (coords.), *Déraison, esclavage et droit. Les fondements idéologiques et juridiques de la traite négrière et de l'esclavage*, Paris, Editions UNESCO, 2002, 375 páginas.

⁴ Kent Fedorowich e Martin Thomas (eds.), *International Diplomacy and Colonial Retreat*, Londres, Frank Cass Publishers, 2001, 11-260 páginas.

⁵ Jacques Androuais, *Les rocambolesques aventures de Jules et Aurélie aux îles du Cap-Vert, Rochecorbon*, ed. do autor (2 Sentier de la Butte, 37210 Rochecorbon, France), 1998, 355 páginas.

1982, de estabelecer o Plano de Construção de Cabo Verde. Opôs-se à criação de um estaleiro naval no Mindelo, que, no entanto, acabou por ser realizado e foi, segundo ele, um fiasco. Encontramos neste romance uma descrição engraçada da vida dos cooperantes e de outros peritos estrangeiros e das suas relações com os autóctones e uma reflexão, aqui ou ali, sobre a descolonização e uma descrição da guerra civil... em Angola.

Extraordinário, burlesco, este relato leva-nos desde indescritíveis gabinetes de ministérios parisienses até às guarnições sul-africanas. Este livro destina-se a conhecedores dos meios referidos.

Outro livro de apaixonados por Cabo Verde (decididamente, os franceses ficaram apaixonados pelo arquipélago, tendo em conta a quantidade de títulos em francês) é o de Jean-Philippe Dugault e de Thierry Rambaud (autor da maior parte das fotografias a cores, que são notáveis). Cabo Verde⁶ destes dois autores é constituído por um jornal impressionista de uma visita a várias ilhas (uma delas Fogo, onde podemos ler uma página em calão sobre o antepassado francês dos Montrond!). Interessam-se por temas pouco estudados pelos viajantes: a piedade popular, a alimentação, a água, o álcool, a pastelaria, etc.

Voltemos ao universitário puro e duro com o livro de Ulrich Schiefer⁷, que se apresenta como uma tese de sociologia e de economia das sociedades agrícolas guineenses, com uma forte dose de antropologia cultural. Isto para garantir a solidez do trabalho universitário do autor. Mas também há neste livro uma outra tese: pessoal e crítica, ou seja, interroga-se se a ajuda ao desenvolvimento, que foi atribuída há décadas a África, serviu de alguma coisa para as populações locais. Ele duvida perante o estado de decomposição que fulmina estas sociedades, o desabamento do aparelho de Estado e, na verdade, o último objectivo de mafias ou clãs ávidos que exploram para seu benefício as ajudas obtidas. Este livro vem evidenciar o insucesso de uma política seguida desde a independência. Tendo em conta que Schiefer sabe muito mais sobre a Guiné-Bissau do que as centenas (milhares?) de peritos que desfilaram no país desde 1974, temos de tomar a sério este trabalho. Os «espíritos benfeitores» desertaram da Guiné-Bissau desde a morte de Amílcar Cabral e não podemos voltar atrás. Portanto, sempre em frente para o abismo, sem piloto e sem esperanças de se salvar. Livro realista

⁶ Jean-Philippe Dugault e Thierry Rambaud, Cap-Vert. Sodade de Cabo Verde, Courbevoie (France), ASA Editions (c/o Redbus Interhouse, 9 Energy Park, 130-136 Bd de Verdun, 92413 Courbevoie), 2000, 103 páginas, fotos a cores.

⁷ Ulrich Schiefer, Von allen guten Geistern verlassen? Guinea-Bissau: Entwicklungspolitik und der Zusammenbruch afrikanischer Gesellschaften, Hamburgo, Institut für Afrika-Kunde, 2002, 333 páginas.

e útil. Presumimos que não terá muitos leitores em Bissau ou Bafatá. Infelizmente. Bibliografia importante.

Tendo em conta a francofonia e a hispanofonia, a Guiné em África é um nome que dá azar à maior parte dos seus cidadãos. Fiquemos com aqueles que são equatorianos, assinalando um novo livro⁸ de Max Liniger-Goumaz sobre o regime que se encontra no poder em Malabo. É uma miscelânea de histórias locais, de denúncias da ditadura, de ataques contra as companhias petrolíferas, de análises políticas, de artigos de jornais, de cronologias e de bibliografias. Publicar demasiado depressa sobre o mesmo pequeno assunto leva a que haja muitas repetições e cansaço. Mas o autor anuncia-nos um novo livro sobre Annobón. Esperemos que ele produza uma obra de historiador que trabalhe com as fontes (todas as fontes, incluindo as portuguesas, as britânicas, as alemães, etc., e não só as espanholas) e que vá ao fundo da questão porque esta ilha, situada a sul de São Tomé, possui uma vasta bibliografia externa... mas não uma história escrita que seja satisfatória. Relativamente a este facto, teríamos gostado de encontrar documentos sobre Annobón na compilação de Jacint Creus⁹, que desde há muitos anos faz um trabalho meritório de compilações anotadas sobre a Guiné Equatorial na sua colecção de fontes inéditas. Não podemos queixar-nos muito: desde o fim do franquismo, a historiografia colonial em Madrid deu já animadores passos para o conhecimento das suas antigas colónias na África tropical. Curiosamente, enquanto em Lisboa a colecta das fontes inéditas era uma especialidade dos anos anteriores à descolonização (infelizmente, quase interrompida), em Madrid, na realidade, só começou posteriormente. Atingimos até o estado dos estudos sérios. Exemplos? A tese de Alicia Campos Serrano¹⁰ sobre o período-charneira (1955-1968) nas relações hispano-guineenses contém coisas boas e tem um espírito claro e não se contenta com o nevoeiro da propaganda dos serviços do meu antigo «mestre», o incrível Díaz de Villegas, rodeado pela sua coorte da Dirección de Plazas y Provincias Africanas. Contudo, por que razão foi ela atribuir na sua bibliografia os seis textos que conhecia, e cita, de René Pélissier (no tempo em que trabalhava sobre a Guiné espanhola) a um ilustre desconhecido (W. Ofuatey-Kodjoe) que, provavelmente, nunca viu Fernando Pó? E por que é que o meu Don Quichotte en Afrique. Voyages à la fin de l'empire espagnol

⁸ Max Liniger-Goumaz, *A l'aune de la Guinée Equatoriale*, Genebra, Les Editions du Temps 2003, 308 páginas, fotos a preto e branco.

⁹ Jacint Creus (ed.), *Epistolario del P. Juanola, c.m. f. (1890-1905)*, 08500 Vic (Osona), Ceiba Ediciones, 2002, 78 páginas. Na mesma colecção («Documentos de la Colonización»), v. Vicente Barrantes, *Memoria del Consejo de Vecinos, Santa Isabel, 1906*, Ceiba Ediciones, 2003, 92 páginas.

¹⁰ Alicia Campos Serrano, *De Colonia a Estado: Guinea Ecuatorial, 1955-1968*, Madrid, Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2002, 392 páginas.

(Orgeval, France, Editions Pélissier, 1992, 176 páginas), que lhe trouxe uma data de informações sobre o regime colonial e a autonomia, foi ignorado pela autora? É sabido o estado lastimável em que se encontram as bibliotecas espanholas quando se trata de adquirir obras estrangeiras sobre as colônias recentes, mas penso saber que existe uma biblioteca em Madrid que tem pelo menos um exemplar (milagre de curiosidade científica, onze-doze anos após a publicação do livro!). Portanto, apesar das suas lacunas documentais, esta tese, com tendências jurídicas e acessoriamente diplomáticas, permite seguir, passo a passo, a transferência das competências para um regime que soube fazer da independência um pesadelo, do qual o país ainda não conseguiu recuperar psicologicamente. Apesar do petróleo. Evidentemente sem qualquer ligação com Angola!

Segue-se um pequeno livro de recordações da infância¹¹, tal como eu gosto, porque eles têm não só frescura, mas também um certo valor sociológico. Como é que uma menina de um casal de modestos pais canários, que se tornaram colonos em Fernando Pó, passou dez anos da sua vida (1946-1956) numa espécie de magia tropical numa plantação onde as crianças brancas eram os reis. Era no tempo do esplendor colonial na ilha. Os testemunhos desta poetisa não têm muitos concorrentes na literatura hispano-guineense, tendo em conta a debilidade do povoamento branco na época (alguns milhares de europeus).

Daqui seguimos para o Sara espanhol, que se tornou ocidental. Admiremos primeiro a paciência e até a obstinação do politólogo holandês Klaas van Walraven¹², que, numa tese muito documentada, tomou a sério o papel da Organização da Unidade Africana (OUA), mais conhecida pela sua incapacidade e caótica existência. Dedicou um extenso capítulo à sua luta contra o colonialismo e, em particular, à sua posição sobre a disputa entre Marrocos e a POLISARIO. O autor não se limita a expor. Faz julgamentos e critica algumas decisões, como a da admissão do Sara ocidental na OUA. Dedicou também algumas páginas à crise angolana de 1975-1976.

O livro do professor Akbarali Thobhani¹³, muçulmano árabe-americano que lecciona em Denver, vai incomodar os partidários da POLISARIO. Seja como for, é o primeiro autor a dedicar um livro às transformações sociais, económicas e políticas do Sara sob a administração (ou ocupação) marroqui-

¹¹ María del Carmen Lorenzo Delgado, *Guinea em mi corazón*, Las Palmas de Gran Canaria, ed. da autora (Av. Pintor Felo Monzón, edif. 14, portal 3, 1.º, A.), 2002, 76 páginas, fotos a preto e branco.

¹² Klaas van Walraven, *Dreams of Power. The Role of the Organization of African Unity in the Politics of Africa. 1963-1993*, Aldershot, Inglaterra, Ashgate, 1999, xxv-467 páginas.

¹³ Akbarali Thobhani, *Western Sahara since 1975 under Moroccan Administration. Social, Economic and Political Transformation*, Lewinston (Nova Iorque), The Edwin Mellen Press, 2002, xiv-287 páginas, fotos a preto e branco.

na. Apesar de se aventurar por caminhos nos quais não é pioneiro (história, etnologia, política), é no que se transforma quando descreve pormenorizadamente tudo — o que é muito — o que Rabat fez para desenvolver o país. Quem, como nós, conheceu Laayoune et Smara durante o período espanhol nem imagina a febre de construção (até existe um parque zoológico e um parque na capital). Em benefício de quem, perguntarão os amigos da POLISARIO? O autor inclina-se, visivelmente, a favor dos marroquinos, os quais não se pouparam nos apoios. A bibliografia não foi compilada com cuidado e é tão lacunar que já nem ficaríamos espantados por não encontrarmos René Pélissier: *Don Quichotte en Afrique. Voyages à la fin de l'empire espagnol*. Livro proibido em Marrocos, evidentemente, mas desconhecido em Denver? Enfim, o texto de Thobhani fornece uma documentação cifrada impossível de encontrar algures, e é tudo o que lhe pedimos.

O Sahara¹⁴, de Michael Palin, é uma enorme reportagem a cores que vai de Tânger a Dacar, depois para leste (Níger), sobe à Argélia, corta para a Líbia até Tobruk e acaba o círculo em Ceuta, tudo isto no espaço de quatro meses para a BBC em 2001-2002. O estilo é agradável, o senhor simpático, as fotografias a cores são fantásticas, mas o que nos interessa aqui são os oito dias passados com a POLISARIO, dos quais alguns na região do Sara ocidental (da parte de fora do muro), que era mantida pelos guerrilheiros (em Tfariti e em Mejik). Normalmente, os hóspedes do partido ficam em Tindouf. Esta incursão de dezassete páginas nas margens orientais do ex-Sara espanhol, que se tornou uma républica fantasma de 20 000 combatentes, está cheia de ensinamentos para o futuro. Mas o futuro começou em 1975! Em todo o caso, se o leitor procura um único título que lhe mostre no que se transformaram as areias misteriosas que fizeram sonhar gerações de europeus nos séculos XIX-XX, então é este o livro.

Agora voltemos aos PALOPs, em primeiro lugar, com dois livros sobre Angola que fazem parte de um género raro, mas honrado, na África do Sul e na Namíbia entre os brancos: a biografia de um parente para uso quase exclusivo dos membros da família e dos amigos. Daí a ignorância ou o desdém das bibliotecas públicas para com eles. Não têm razão porque encontramos, por vezes, informações úteis. Deste modo, os retornados ou especialistas do Sul de Angola vieram a saber que o sobrinho (por afinidade) bóer do paladino da conquista do Centro de Angola e do Humbe, o intendente da colonização da Huíla, o célebre coronel Artur de Paiva (+ 1900), a saber, Lourens Martinus du Plessis (1914-2000), publicou¹⁵ — a título póstumo —

¹⁴ Michael Palin, *Sahara*, Londres, Weidenfeld & Nicolson, 2002, 256 páginas, centenas de fotografias a cores.

¹⁵ Lourens Martinus du Plessis, *Terugblik op die lewe van Lourens Martinus du Plessis*, Gobabis, ed. da família (a. c. Kotie leGrange, P. O. Box 174, Gobabis, Namíbia), 2002, 126 páginas, fotos a preto e branco.

a história da sua vida e do seu clã (muito numeroso) em Angola antes da descida para Gobabis em 1928. É a obsessão genealógica dos afrikaners que nos vale dezenas de páginas (com fotografias) sobre a vida desses bóeres de Angola cujo nomes aparecem nos relatórios militares. As recordações de infância desses «angolanos da diáspora» parecem ter sido boas. Notamos que aqueles que ficaram para trás depois de 1928, ou que foram para Portugal (os Paiva), por vezes, casaram com famílias portuguesas. A parte essencial do livro é o trek para o Sul, a vida religiosa, as comemorações do Dorslandtrek e uma visita a Angola em 1974 (até Alto Hama). Nesta comunidade, bastante unida, dos bóeres de Angola os casamentos endogâmicos reforçavam a nostalgia de uma Angola «edénica». Assim, a esposa do precedente, Ursula Magdalena du Plessis (nascida Prinsloo), também publicou a sua autobiografia¹⁶. Ela nasceu (1920) longe, no Norte de Humpata, já que a família se tinha instalado no Centro de Angola (ao pé de Mombolo, a oeste de Mariano Machado). Aí também se insiste no parentesco com os Paiva, e a viagem de 1974 ao país de origem é descrita mais pormenorizadamente. Peregrinação às campas e visitas aos amigos portugueses antes do grande êxodo. Num certo sentido, os bóeres de Gobabis são, também eles, retornados antes do tempo e é por isso que estes dois títulos são úteis.

Sempre no mesmo registo sentimental e nostálgico, vejamos outros retornados, mas alemães, eles que eram fazendeiros. Os portugueses ignoraram ou esqueceram-se de que em 1960 a primeira colónia de estrangeiros europeus em Angola era alemã (no sentido mais largo da Mitteleuropa). Com os três livros de Ingeborg Schönberg, ela própria pode ser de origem parcialmente dinamarquesa (de Schleswig-Holstein), navegamos entre plantadores alemães, dos quais um veio dos países bálticos, e os ovimbundu. O primeiro¹⁷, *Die weisse Brille*, é essencialmente a transcrição romanesca das conversas entre dois velhos amigos, um que teve o bom senso de deixar o Centro de Angola antes da guerra civil e da independência, o outro que ficou até que a intensidade dos combates e o desmoronamento de qualquer vida económica normal para um plantador de sisal o expulsaram, arruinado e amargo. É interessante realçar o quanto estes alemães eram agarrados a Angola — ou pelos menos à vida que ali tinham —, por vezes ou frequentemente em simbiose com os colonos e as autoridades coloniais. Como a autora viveu muito tempo (provavelmente dezenas de anos) esta vida de pioneiro e conhece muito bem a sociedade e a cultura dos ovimbundu, assim como a sua história, a sua visão é ao mesmo tempo informada, realista e equilibrada. A sua

¹⁶ Ursula M. du Plessis, *Op ver paaie. Vertellinge uit die lewe van Ursula Magdalena du Plessis*, mesmo local e editor, 2002, 126 páginas, fotos a preto e branco.

¹⁷ Ingeborg Schönberg, *Die weisse Brille. Erlebtes und Überdachtes aus dem alten Angola*, Frankfurt A. M., Fouqué Literaturverlag, 2002, 399 páginas.

experiência foi aproveitada para escrever outros dois romances. *Lumbugululo*¹⁸ descreve a história de um ovimbundu que trabalha para os brancos, inveja-os e quer imitá-los e expulsá-los. É um incendiário e, portanto, um futuro nacionalista. *Luzia*¹⁹ está entre o pólo branco e o pólo preto, visto ser uma mestiça, casada com um plantador que seria morto. Sem dinheiro, refugia-se em Portugal, onde a revolução dos cravos a surpreende. Em mais de 800 páginas, a autora oferece-nos, portanto, uma descida romanesca à colonização portuguesa, vista por dentro e por fora. É pouco comum na literatura angolana escrita por estrangeiros. Os três volumes contêm todos um glosário (português-umbundu-alemão). Não sabemos se terão muito sucesso, mas reparámos que em menos de dois anos foram publicados quatro livros alemães redigidos por antigas fazendeiras a leste de Lobito-Benguela.

Será a sensibilidade feminina o fermento da massa expansionista da angolanidade no estrangeiro? Como nos mostram já, e noutros lugares, estes bons velhos alemães, nascidos em Mitau ou em Memel, que nunca irão recuperar da perda do Baltikum, podemos prever uma surpreendente dispersão das línguas e dos lugares de edição, servindo de suporte às lembranças dos portugueses de Angola. Como testemunho, o romance autobiográfico de Betty Pontes de Oliveira e Eddy Bral²⁰, publicado em Filadélfia, mas redigido na África do Sul. Neste caso só nos dizem respeito as páginas que relatam a fuga de Benguela para Grootfontein, o campo dos refugiados portugueses, a instalação e a nova vida na África do Sul, a confrontação das culturas da exilada e a chegada ao seu meio de acolhimento.

Mais clássico e mais útil para o historiador, *Angola, Anos de Esperança*²¹ contem as recordações muito pormenorizadas e importantes de um anti-salazarista vindo da metrópole para Angola nos anos 30. Havia uma boa dose de idealismo e até de ingenuidade no seio de uma fracção da juventude europeia e mestiça (assimilada) do Huambo no início da década de 1940-1950. Era um anticolonialista da primeira hora: «Viamo-nos cúmplices num crime colectivo» (as rusgas aos indígenas pelos administradores para os enviarem para o contrato: «Quatro anos de contrato com vinte anos de roça», pp. 20-21). Pintura preta, mas realista, de um sistema que enriquecia alguns colonos. Ultraminoritários, estes contestatários foram encarcerados em Luanda por subversão e expulsos para prisões de Lisboa e arredores. Volta ao Huambo em 1946 e recomeça a militar em 1947 «sob a asa» do Partido Comunista. Ele explica-

¹⁸ Ingeborg Schönberg, *Lumbungululo*. Ein Lebensbild, mesmo local e editor, 2002, 257 páginas.

¹⁹ Ingeborg Schönberg, *Luzia*. Ein Lebensbild, mesmo local e editor, 2002, 171 páginas.

²⁰ Betty Pontes de Oliveira e Eddy Bral, *My Midnight*, Filadélfia, Xlibris Corporation, 2002, 312 páginas.

²¹ Américo de Carvalho, *Angola, Anos de Esperança*, Coimbra, Edições Minerva Coimbra, 2001, 216 páginas, fotos a preto e branco.

-nos claramente as contradições entre estes idealistas e os interesses das massas africanas exploradas (pp. 92-94). Depois segue com as figuras de alguns opositores, a PIDE local, os grupúsculos, o Caminho de Ferro de Benguela, as primícias do nacionalismo africano, 1961: o terrível ano vivido pelos brancos do Centro (Lobito). Por vezes, exagera (p. 126): «guerra sem crónicas, sem fotografias, sem imagens», a guerra de Angola? Então, então!

É imprescindível para a criação e o papel da Frente de Unidade Angolana (a maior parte autonomistas brancos) e sobretudo para a confusão nas fileiras dos «liberais» em 1974-1975, no Lobito e nas outras cidades do Centro, aquando da chegada dos partidos nacionalistas e aquando da adesão do Movimento Democrático ao MPLA (1975).

Fiquemos no nacionalismo angolano com uma monografia em profundidade sobre as relações entre a Igreja católica, a colonização na sua última fase e os contestatários no seio do clero africano, tudo isto levando ao padre Joaquim Pinto de Andrade e ao seu activismo no seio do MPLA. O trabalho de Emmanuelle Besson²², fundamentado sobre um bom conhecimento das fontes impressas e inéditas, parece-nos exemplar porque, a partir de um processo mediatizado, é toda uma parte da história do nacionalismo angolano que é tornada pública. Vista a escuridão que envolve esta história, em parte fundada nas aproximações, nas falsificações e até mesmo em algumas mentiras grosseiras herdadas dos anos de luta clandestina ou no exílio, o realismo frio da autora é bem-vindo nestes tempos de revisionismo, onde o passado parece ser mais preocupante do que o futuro, mesmo que seja menos rentável para as contas bancárias de alguns angolanos.

Quando pensamos nas dezenas ou centenas de milhares de ingénuos que acreditavam numa independência igualitária e que morreram pelo inverso do que se vê hoje, não apetece rejuvenescer.

Teremos novamente uma nova prova se lermos *The State, Identity and Violence*²³, que recolhe contribuições de antropólogos, essencialmente americanos, que se mostram interessados na negação, precisamente, das utopias dos anos 1950-1970. É escolhendo casos extremos, como os da Libéria, Chade, Somália e Angola, que os nossos autores nos levam até uma triste realidade. O capítulo sobre Angola é fundado sobre uma estada em Luanda em 1991. Sem trazer uma grande contribuição para o conhecimento da política local, o cepticismo do observador, que duvida da identidade nacional angolana após uma visita ao Museu de Antropologia, a sua leitura dos manuais escolares

²² Emmanuelle Besson, *Autour du procès de Joaquim Pinto de Andrade. L'Église catholique et l'Angola colonial, 1960-1975*, Dorigny (Suisse), *Le Fait Missionnaire*, Faculté de Théologie, 2002, 126 páginas.

²³ R. Brian Ferguson (ed.), *The State, Identity and Violence. Political Disintegration in the Post-Cold War World*, Londres e Nova Iorque, Routledge, 2003, vii-328 páginas.

e a contemplação dos monumentos simbólicos do novo regime (o tanque da praça Kinaxixi e o mausoléu de Agostinho Neto), não agradará a toda a gente. Que diria ele se voltasse em 2004? Mas sosseguem os diplomatas: não voltará para lhes pedir um novo visto. Morreu em 1995.

Trafics d'armes vers l'Afrique²⁴ fala de pessoas que nunca tiveram problemas em obterem um visto angolano. Pelo contrário, até têm direito a tapete vermelho quando desembarcam. O primeiro capítulo, intitulado «L'affaire Falcone ou l'Angolagate», faz, de forma útil, o ponto da situação relativamente aos contratos chorudos realizados entre comerciantes de armas internacionais e o Estado-MPLA, com a intervenção de homens políticos (ou familiares) franceses muito conhecidos, os seus conselheiros, as redes de agentes mais ou menos secretas, uma companhia petrolífera e outros representantes ou intermediários brancos como o arminho. Todo por la Pátria, naturalmente, e a bem da nação também. Mas também aprendemos muito sobre os fornecedores da UNITA, os seus amigos no Burkina Faso, no Togo, etc.

E, já que estamos sobre e sob as armas em Angola, vamos descobrir dois livros excepcionais. Entre tantos homens que combateram em Angola desde 1961 há duas grandes categorias: aqueles que não gostam da guerra (é a maioria dos soldados portugueses) e aqueles que só gostavam dela (e neste caso há cada vez mais uma subcategoria: a minoria dos combatentes das forças especiais sul-africanas que publicam as suas memórias porque se aborecem na vida civil ou querem recuperar a juventude). Só o coronel Jan Breytenbach representa uma subsubcategoria, com cinco livros publicados: (1) sobre a guerra — mais a sua guerra — em Angola a partir do início dos anos de 1970 contra a SWAPO, no Sudeste angolano, no tempo em que os portugueses lá tinham várias guarnições; (2) sobre a protecção da fauna selvagem local. Este coronel detesta os burocratas militares — o que agradará aos leitores que foram vítimas das suas asneiras — e prefere os leões, os leopardos e sobretudo os elefantes e os guerreiros que vão até ao extremo das forças humanas. Foi ele que criou os primeiros comandos de reconhecimento sul-africanos, os Recces, que se tornaram famosos. No *The Buffalo Soldiers*²⁵ conta-nos, num estilo estonteante, como, com guerrilheiros dissidentes do MPLA «unidos» à FLNA de Holden Roberto, criou em 1975 o famoso 32-Battalion, ou seja, the cutting edge da maior parte das operações sul-africanas contra o MPLA e a SWAPO de 1975 a 1988, até

²⁴ Georges Berghezan (coord.), *Trafics d'armes vers l'Afrique. Pleins feux sur les réseaux français et le «savoir-faire» belge*, Bruxelles, Grip, 2002, 176 páginas.

²⁵ Jan Breytenbach, *The Buffalo Soldiers. The Story of South Africa's 32-Battalion, 1975-1993*, Alberton, África do Sul, Galago Publishing, 2002, 360 páginas, fotos a cores e a preto e branco.

que, chegada a paz, ele foi repatriado para a África do Sul, onde o novo poder ordenou em 1993 a dissolução desta unidade de mercenários de choque, alguns dos quais querem agora regressar a Angola. Temos aqui mais de 300 páginas densas, mas apaixonantes, que descrevem pormenorizadamente: (1) a invasão de 1975, que fez praticamente cair o MPLA; (2) depois, não sendo Breytenbach mais o seu comandante, as múltiplas acções iniciadas pelo batalhão ao lado da UNITA, pela qual o coronel não morre de amores. É preciso ser claro: este livro vai prestar muitos serviços aos oficiais portugueses que queriam saber como é que os sul-africanos conseguiram aquilo que eles falharam, ou seja, fazer a guerra com africanos interpostos (o batalhão transformou-se numa brigada em 1988), com um mínimo de tropas brancas, não estáticas, mas utilizando todas as técnicas da contra-guerrilha. Dito isto, esta visão da guerra feita por elite soldiers não é para corações sensíveis, mesmo que a exaltação das proezas dos seus oficiais e suboficiais (na maioria afrikaners) apaixone os historiadores e teóricos militares, sentados nos seus sofás. Acessoriamente, o livro será útil para os retornados do Sul e do Centro de Angola que querem saber o que aconteceu durante a sua fuga e depois nas localidades que fundaram e que foram evacuadas rapidamente pelos militares portugueses (incluindo a marinha, que abandonou uma lancha canhoneira em Vila Nova da Armada).

No mesmo sector bibliográfico, outro autor, que escreve bem, é o antigo suboficial dos Recces, Jack Greeff²⁶, que se tornou, também ele, depois da entrada na vida civil, protector da fauna selvagem. Alistou-se como voluntário aos 16 anos, era um soldado de profissão que conhecia o Sudeste angolano desde 1972. As suas recordações de guerra não dizem só respeito à Angola, onde se envolveu seriamente na operação Savanna (1975-1976). Não tendo ainda chegado ao topo do treino dos Recces, treme perante o terrível Breytenbach, mas torna-se rapidamente um «profissional do impossível». Para além das paixões e das fraquezas humanas, o que une esses sul-africanos é o amor pela selva e as suas convicções de que se tornaram super-homens, mais resistentes e mais espertos do que os seus inimigos. Há que realçar que os Recces aceitavam pretos e até é citado um mestiço angolano nas suas fileiras. Onde o coronel fala em táctica, o suboficial fala em operações e, se tende a apagar, não no seu todo, as más recordações e o rancor pelos políticos e pelos oficiais superiores, o seu testemunho tem um valor histórico incontestável (ataque contra a SWAPO em Eheke, contra a ZANLA em Moçambique, contra a FRELIMO, contra a ponte sobre o Cunene, treino das tropas da UNITA e captura das guarnições MPLA do

²⁶ Jack Greeff, *A Greater Share of Honour*, Ellisras, África do Sul, Ntomeni Publishers (c/o Jack Greeff, P. O. Box 113, Vrede 9835, South Africa), 2001, xi-173 páginas, fotos a preto e branco.

Sudeste, sabotagem das instalações petrolíferas no Lobito, em Luanda, na Beira, etc). Infelizmente, quem quer datas exactas deve procurá-las noutro sítio.

Em compensação, um antigo agente, simples estagiário²⁷ dos serviços secretos sul-africanos, contou-nos como (pp. 107-117) é que ele, licenciado em Teologia, recrutou um coronel russo em Botswana que transmitiu os planos da ofensiva cubano-soviético-MPLA em Angola em 1986. Mas, não tendo Pretória o milhão de dólares exigido, a CIA sucede-lhe e os sul-africanos, avisados desta forma, reforçam, como jamais se vira, a sua intervenção no Cuíto Cuanavale. Acabada a guerra, assim como em Portugal, muitos são os que publicam agora as revelações, que antes lhes teriam valido pesadas condenações por divulgação de segredos de Estado.

Relativamente a Moçambique, temos de dar graças a três viajantes que vão incluí-lo numa imensa travessia africana. São eles Luis Pancorbo e o seu *Tiempo de África*²⁸, que é o mais inesperado. Inesperado porque os espanhóis não nos tinham habituado a passeios fora das suas antigas colónias (excepto para os missionários e alguns amadores de safaris caros). No entanto, desde o fim do franquismo vemo-los em todo o lado em África e escrevem livros que se vendem bem. Pancorbo é antropólogo e um homem de televisão que tem estilo, humor, muita ousadia e referências históricas. Dos quinze países que visita, pode realçar, para além de Annobón, Moçambique, que ataca em 2000, de Maputo a Cabo Delgado, onde constata que os jovens makonde não querem mais o pelélé e as escarificações rituais. Um antigo combatente da FRELIMO não se recorda se Kaulza de Arriaga era português ou espanhol! (p. 231), mas ainda estamos nos «600 mortos» do massacre de Mueda. Mais um mito! De qualquer forma, um livro apaixonante para um Moçambique (30 páginas) e um continente estragados (dixit, p. 208).

Mais habituais em Moçambique são os autores de língua inglesa. Podemos começar com um «vagabundo» australiano que para esquecer as suas mágoas de amor embarcou para a clássica «Cape Town to Cairo», não de carro, mas à boleia e de autocarro. Peter Moore²⁹ desafia os animais selvagens, as guerras civis, os funcionários (os piores) e todo o tipo de perigo que acabarão por curá-lo do seu desgosto de amor. Relativamente a Moçambique (pp. 106-118), é rápido: gosta do Maputo crumbling and decaying, onde é acolhido no seio de uma família luso-africana. Sob a costa até

²⁷ Riaan Labuschagne, *On South Africa's Secret Service. An Undercover Agent's Story*, Alberton, África do Sul, Galago Publishing, 2002, 304 páginas, fotos a cores e a preto e branco.

²⁸ Luis Pancorbo, *Tiempo de África*, Barcelona, Editorial Laertes, 2000, 286 páginas.

²⁹ Peter Moore, *Swahili for the Broken-Hearted. Cape Town to Cairo by Any Means Possible*, Londres, Transworld Publishers (Random House Group, Ltd.), 2003, 341 páginas.

Vilankulo e parte para o Zimbábue. É mais a norte que as aventuras esperam por ele. É um livro, por vezes, hilariante para o leitor e, provavelmente, para o autor (mas a título retrospectivo para ele).

Com *Dark Star Safari*³⁰ tomamos uma direcção inversa e entramos numa viagem menos humorística. Paul Theroux, autor célebre e viajante impenitente, é um dos melhores representantes americanos do travel writing. Já com uma certa idade, resolve fugir de uma vida pressionada de escritor e retoma o caminho de uma África que conheceu no Malawi (ex-Niassalândia) quando era voluntário no Peace Corps (1964-1965). Velho e com experiência, devia saber que nunca devemos regressar aos países que nos iniciaram nas viagens. Sobretudo num continente em plena decrepitude. Inevitavelmente, veio de lá desencantado, tanto foi enganado, roubado e atormentado. É o anti-Hemingway por excelência, porque viaja em autocarros degradados, de camião, de comboio agonizante, de boleia, até a pé ou remando numa piroga. Chega, finalmente, e sem muito dinheiro, ao Malawi pelo Natal de 2001 e começa a descida do Shiré de canoa até à confluência com o Zambeze, assombrado por Livingstone. Do que gosta nas aldeias moçambicanas que acabaram de sair de uma guerra civil é de que não têm muitos burocratas sanguessugas. Via Inhaminga em ruínas e Beira, chega ao Zimbábue, mas volta ao Sul de Moçambique (pp. 419-436) para constatar os estragos provocados pelas inundações. Não fica impressionado pelas ONG que trabalham no charity business nem pelas forças portuguesas durante a guerra de 1914-1918 (pp. 424-425, com um erro sobre Quionga) e menos ainda pelo obscurantismo de uma missionária protestante americana que conheceu no comboio que se dirigia para o Limpopo. Ao todo, um livro realista, logo pessimista. E tem razão.

Outra missionária americana? Esta é enfermeira mandada pela Igreja United Methodist e é realmente mais liberal. Com o romance autobiográfico de Jonna-Lynn K. Mandelbaum³¹ temos uma pintura mais pormenorizada daquilo que era a vida de uma mensageira de Deus no Sul de Moçambique e aprendemos muito sobre a preparação em Lisboa e as dificuldades para obter um visto (começámos em 1969 e acabámos a história no início dos anos 70). Pensamos que a missão relatada, que diz respeito a várias famílias suecas nessas instalações, é aquela de Cambine, a oeste de Inhambane, sobre a qual existem, pelo menos, dois livros suecos, um dos quais procuramos há vários anos. O interesse do romance advém do estilo agradável e sobretudo da descrição das relações sociais entre esses expatriados, os portugueses (colonos e administração) e os africanos (no livro, a heroína tem um

³⁰ Paul Theroux, *Dark Star Safari. Overland from Cairo to Cape Town*, Boston-Nova Iorque, Houghton Mifflin Company, 2003, 472 páginas.

³¹ Jonna-Lynn K. Mandelbaum, *A Good-Bye Never Said*, Filadélfia, Xlibris Corporation, 2002, 411 páginas (com notas históricas).

namorado moçambicano preto). Depois há a evocação da PIDE/DGS, do nacionalismo (FRELIMO), da detenção dos pastores africanos e do seu «desaparecimento» na prisão. Também ficamos surpreendidos quando sabemos que uma enfermeira americana fica grávida de um africano, mas, se o autor o diz, é porque as metodistas americanas se sentiam menos inibidas em África do que nos Estados Unidos. Serão responsáveis a Bíblia, o clima ou os costumes locais? Um livro que, de qualquer modo, agradecerá a Theroux.

E agora passemos a outra faceta religiosa de Moçambique: o islão, cuja história e evolução política desde a independência são analisadas em profundidade e com subtilidade por Eric Morier-Genoud num extenso artigo (pp. 123-146) de *L’Afrique politique 2002*³², cuja leitura aconselhamos, porque actualiza os textos pertinentes em português. O autor nota que, de uma posição marginalizada (antes da independência e até 1979), o islão se faz notar e até se torna reivindicativo, afirmando-se claramente as influências do wahhabismo. Não monolítico e até mesmo francamente dividido, o islão moçambicano progride, no entanto, cada vez mais (em 2001, pelo menos, 20 % da população). Esta publicação contém também outro artigo magistral sobre o «Islão e [a] vida política na Guiné-Bissau contemporânea» (pp. 191-209) de Gérald Gaillard, que, também ele, ensinará muitas coisas aos especialistas. Estes dois artigos justificam uma presença mais do que simbólica deste anuário nas bibliotecas universitárias portuguesas que se interessam pelos PALOPs.

Dirigimos agora a nossa caravela bibliográfica — caravela lenta, porque sobrecarregada e um pouco danificada pelas tempestades, mas ainda capaz de fazer descobertas — para uma baía ecológica dominada por dois fotógrafos inspirados, à procura da autenticidade (whatever it means) africana. Alguns acham que se encontra na fauna selvagem. Jackie Nickerson³³ concentrou-se nos trabalhadores agrícolas do Zimbabwe, do Malawi, da África do Sul e de Moçambique. O texto é quase inexistente. O que importa são os retratos inesquecíveis (24 × 31 cm) e as vistas de prédios rurais, que mostram o mundo do trabalho e da pobreza na África austral, mas digna e sem ênfase, entre 1998 e 1999. No entanto, o fotógrafo Paul Weinberg³⁴ e os nove autores dos textos recolhidos por ele seguem os rastros dos povos indígenas ameaçados por iniciativas mal concebidas de alguns governantes ou ONG que querem excluir os habitantes dos seus projectos ou modificar o seu modo de vida para lhes incutirem o que eles pensam ser o seu «desenvolvimento» ou lhes imporem os «benefícios» do turismo na África austral. Para

³² *L’Afrique politique 2002*. Islam d’Afrique: entre le local et le global, Paris, Editons Karthala, 2003, 358 páginas, cartas.

³³ Jackie Nickerson, *Farm*, Londres, Jonathan Cape, 2002, 143 páginas, fotos a cores e a preto e branco.

³⁴ Paul Weinberg, *Once We Were Hunters. A Journey with Africa’s Indigenous People*, Cape Town, David Philip (New Africa Books), 2000, 176 páginas, fotos a cores.

Moçambique, isto diz respeito, neste livro, aos pescadores das ilhas Inhaca, frente a Maputo, onde um artista e escritor moçambicano branco, que ficou para trás, faz falar os ilhéus que o adoptaram e que lhe expõem as suas dificuldades perante o excesso de população e a rarefacção do peixe. Aqui, mais uma vez, fotografias fabulosas e muitas vezes orações fúnebres para sociedades ameaçadas.

Ameaçadas por quem? Por elas próprias, pela demografia, pelas autoridades públicas (manipuladas por cidadãos mais ou menos honestos e competentes) e também por mudanças climáticas, pela má gestão dos recursos naturais e por outros factores conhecidos que se tornaram «o fundo de comércio» de muitos organismos ou ONG que se dizem caridosos ou evangélicos.

*African Savannas*³⁵, de certo modo, é um discurso a favor da importância dada à experiência dos agricultores ou criadores rurais quando são elaborados planos nas capitais. É a ecologia não dogmática que preconizam os autores. O livro abarca numerosos dados extraídos de monografias desde o Burkina Faso até à África oriental, tendo Moçambique direito a um extenso capítulo (pp. 225-247) sobre o monopólio das terras depois da privatização em benefício dos homens políticos (FRELIMO e RENAMO), dos investidores estrangeiros, das organizações para-estatais, etc., na província de Nampula. Não vamos voltar aos erros cometidos pela FRELIMO no que diz respeito à agricultura, mas os três autores não se mostram muito entusiastas quanto às novas técnicas de cultura, que provocam a erosão dos solos. Continente frágil, África não tem piores inimigos do que os africanos que dão ouvidos a ideólogos ou taumaturgos importados.

Os autores de *Coping with Climate Variability*³⁶ indicam como as comunidades agrícolas da África austral utilizam as previsões meteorológicas para se prepararem contra a seca. Esta técnica é complicada devido à sua aplicação por uma população mal informada, pouco letrada e que confia mais nos xamãs locais do que nos técnicos da capital. O capítulo sobre Moçambique (pp. 129-152) dedica-se, evidentemente, à pluviometria e à sua influência na produção de géneros alimentícios para uma população em que mais de 70 % (1999) são rurais. Os autores recomendam uma intensificação dos estudos nesta matéria. Certamente! Mas um bom rainmaker fica mais barato a longo prazo. Se for eficiente.

³⁵ Thomas J. Bassett e Donald Crummey (eds.), *African Savannas. Global Narratives & Local Knowledge of Environmental Change*, Oxford, James Currey, 2003, xviii-270 páginas, fotos a preto e branco.

³⁶ Karen O'Brien e Coleen Vogel (eds.), *Coping with Climate Variability. The Use of Seasonal Climate Forecasts in Southern Africa*, Aldershot, Inglaterra, Ashgate, 2003, xvii-220 páginas.

Daqui vamos para a geografia económica com Anthony Lemon e Christian M. Rogerson, cujo livro³⁷ se interessa marginalmente por Moçambique (pp. 252-269) num capítulo que só é original pelo período a partir de 1987. O autor mostra-se prudente quanto às perspectivas para o futuro, a maior parte dos investimentos estrangeiros situam-se no Sul, a pobreza mantém-se ao mesmo nível dos anos de guerra e as tensões sociais aumentam à medida que uma minoria muito reduzida enriquece, enquanto a pobreza extrema tende a atingir as cidades. A dependência relativamente ao exterior lembra-lhe o tempo da colonização.

Vamos acabar com um autor sueco que dirige um teatro em Maputo, mas que é mais conhecido pelos seus romances policiais. Com ele reencontramos as crianças das ruas que importunavam Theroux, mendigos agressivos que boas almas missionárias querem abrigar, vestir e alimentar com a esperança de virem a ser jovens evangélicos. São rebeldes, órfãos, pequenos criminosos em potência, produzidos pela guerra civil e que se refugiaram nesta imensa cidade da fome e da miséria em que se transformou Lourenço Marques, longe das embaixadas e dos escritórios das ONG. Comédia Infantil, título do original em sueco e da sua tradução francesa³⁸, é, se calhar, um romance (?), mas é, com certeza, um livro imprescindível para aqueles que querem ir para além das recordações de guerra triunfalistas que se publicam quinze ou vinte anos depois dos factos. É a faceta de Medusa da guerra que atira as suas serpentes sobre a população civil que vamos encontrar neste livro, que não é condescendente nem com os colonos, nem com o novo regime e muito menos com os chacinadores da RENAMO. Este livro, que relata os últimos nove dias de vida de uma criança de 10 anos, sobredotada e mágica, gravemente ferida, é a parábola triste da nova sociedade sul-moçambicana. Entre o absurdo e o horror, este sueco soube traduzir a complexidade, o dilaceramento e a explosão de uma população que perdeu as suas referências numa cidade em que se tornou difícil viver, devido ao afastamento entre os penhoristas e a maré de pobres. É curioso que este homem vindo do Norte se junte, desta forma, aos escritores locais, os mais críticos acerca de uma situação que visivelmente ultrapassa os homens políticos e as suas fracas capacidades para governarem em prol do povo. E, ainda assim, encontramos-nos na capital, «privilegiada» relativamente ao campo. A paz não cumpriu as suas promessas. Pelo menos, até agora, onze-doze anos após a sua assinatura. O livro deveria ser traduzido para português.

Novos fantasmas em perspectiva e para breve?

Redigido em Maio de 2003.

³⁷ Anthony Lemon e Christian M. Rogerson (eds), *Geography and Economy in South Africa and its Neighbours*, mesmo editor (Ashgate), 2002, xiv-322 páginas.

³⁸ Henning Mankell, *Comédia Infantil*, Paris, Editions du Seuil, 2003, 235 páginas.